

ANA ROSA VIDIGAL DOLABELLA

aosavidigal@gmail.com

EDUCOMUNI/CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BELO HORIZONTE-UNIBH

TRABALHO CRÍTICO E EDUCOMUNICAÇÃO

RESUMO

A criação de um novo campo do conhecimento, que se origina no encontro entre dois ou mais domínios de saber, é o resultado de um diálogo que se propõe interdisciplinar, por meio da circulação de pontos de vista, critérios e reflexões. A esse diálogo denomina-se *trabalho crítico*.

Esta proposta visa discutir a implantação de um grupo de pesquisa interdisciplinar em um centro universitário em Belo Horizonte (MG/Brasil), Unibh, e suas implicações para as comunidades docente, discente e externa. Opta-se por apresentar algumas das atividades desenvolvidas pelo grupo Educumuni, formado de professores orientadores e alunos bolsistas, para o estudo das mídias, dos cursos de Jornalismo e de Pedagogia, no período de 2012 a 2014. Constituem-se de intervenções de sensibilização para a temática, bem como conscientização para as práticas interdisciplinares, além de se estabelecer pontes entre o mercado de trabalho e a formação dos futuros profissionais.

Note-se a diversidade de saberes que circulam no espaço de interação social e que novas habilidades para o uso desses saberes são, dessa forma, demandadas pela sociedade às instâncias socializadoras como a instituição escolar. Novas linguagens baseadas nas interações midiáticas, novos ambientes, novas formas de aprender e de produzir conhecimento se impõem na construção de um novo campo do conhecimento e da ação, a educomunicação. Daí a importância que se propõe ressaltar para grupos de pesquisa interdisciplinares que tratam sobre o discurso das mídias, cujas intervenções se fundamentam na transformação social para/pela contemporaneidade.

E, dessa forma, o trabalho crítico nas interações entre os atores e o objeto de ensino (mediações), sobre o discurso das mídias, na universidade, pode alimentar a mobilização política da esfera civil, sobretudo no Brasil, com repertórios de informação e “estoques cognitivos” (Gomes, 2003), tão necessários à prática cidadã.

PALAVRAS-CHAVE

Trabalho crítico; educomunicação, pesquisa

A EDUCOMUNICAÇÃO E A FORMAÇÃO DO SUJEITO PARA A LEITURA DA MÍDIA

Voltada para atender uma formação integral do sujeito, o campo da educomunicação ou mídia-educação, como é tido em outras regiões do Brasil, é um campo macro, aberto e em diálogo com os demais, que tem como objetivo promover um caráter educativo, tendo em vista o lugar que a comunicação ocupa hoje na sociedade. Uma análise crítica, ou político-social, de como uma sociedade funciona midiaticamente é o objeto da Educomunicação.

Contudo, há a necessidade de se educar para a comunicação para as mídias e ensinar a como se comunicar nos processos educacionais: formar um cidadão crítico, informado, livre e consciente, tendo como desafio transformar mensagens em saberes compartilhados, por meio de uma prática educ comunicativa, como um instrumento de transformação social.

Criar sistemas de interação social sobre a mídia (seus processos e seus produtos) é possibilitar a circulação de sentidos nesses espaços de leituras sociais que o trabalho crítico pode permitir em sociedade de mídia. “O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia” (Braga, 2006, p. 28) O produto midiático consumido se trata de valores simbólicos, passível de observação e reflexão.

A educomunicação tem como um dos objetivos educar cidadãos críticos para uma leitura dos meios de comunicação, promovendo uma formação integral que vivencia a realidade da sociedade em rede. Ao utilizar a mídia em sua prática, o educador possui uma infinidade de temas que possibilitam conceber inúmeras discussões sobre a sociedade. É disseminar as informações sob vários olhares e ponto de vistas, a fim de promover debates e diálogos. Por isso, o campo é interdisciplinar.

A cobertura da mídia incide sobre o modo como ela apresenta uma realidade e sobre os efeitos éticos e políticos desse tratamento. Um sistema de resposta é da ordem da circulação, que faz chegar o produto da mídia ao indivíduo, assim como o processo de consumo da mídia por esse indivíduo. Isso ultrapassa “a reação privada do gosto, da seleção e da interpretação” (Braga, 2006, p. 313).

Para assumir a participação em um “circuito social”, em que tenha “condições de reconhecimento social e de continuidade” (Braga, 2006, p. 313), torna-se necessário o reconhecimento da ação social educativa que engendra diferentes domínios do conhecimento, por meio de um trabalho

de construção de saberes oriundos da participação ativa no consumo desses produtos midiáticos.

MÍDIA, TRABALHO CRÍTICO E FORMAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

Importa ressaltar aqui, de início, a relevância da articulação, no contexto da mediação social, da autonomia, da intervenção social e do trabalho crítico na construção de novos domínios de saber, novas áreas do conhecimento, por meio da ação da interdisciplinaridade. O trabalho crítico, que compreende a ação do pesquisador, do formador acadêmico, com o referido objeto que pressupõe o debate, uma reflexão, é um trabalho assentado na argumentação e no tensionamento de diferentes pontos de vista, e deve ser dar de uma forma transversal nas práticas pedagógicas e na formação docente. Deve se fundamentar na aprendizagem colaborativa (Wells & Wells, 1992) e na competência do “aprender a aprender” (ou “aprendizagem dialógica”, na perspectiva de Freire [1998]). E, dessa forma, trabalho crítico de tensionamento nas interações entre os atores e o objeto de ensino (mediações), na construção de saberes, pode alimentar a mobilização política da esfera civil com repertórios de informação e “estoques cognitivos” (Gomes, 2003), tão necessários à prática cidadã, que se fundamenta no diálogo social por excelência.

O exercício do “diálogo” cognitivo pelo trabalho crítico que a formação, nessas práticas, solicita, é uma condição para a efetiva participação dos sujeitos no espaço social, constituindo-se elemento fundamental na construção identitária crítica e participativa dos sujeitos. O trabalho crítico é permeável a diferentes experiências podem se influenciar mutuamente, considerando-se que os objetivos se fundam, essencialmente, no desenvolvimento de âmbitos de interlocução social, fazendo circular diferentes pontos de vista.

Tornar acessível a um público mais amplo uma processualidade crítica, ainda que simplificada em relação as críticas especializadas, favoreceria, de acordo com Braga (2006), uma circulação mais difusa da reflexão sobre a mídia, o que, permitiria o desenvolvimento na sociedade de “bases mínimas de percepção crítica e de competências práticas, para utilizar os processos midiáticos no seu próprio interesse” (Braga, 2006, p. 330).

A concepção de trabalho crítico (Braga, 2006) pressupõe o trabalho com práticas de linguagem significativas no ambiente acadêmico. Tal concepção de articula com a noção de gênero, discutida, na medida em que se apresenta como de um conjunto de atividades de práticas de linguagem,

evidenciadas em sistemas de ações de linguagem, que implicam em diversas capacidades do sujeito, a saber: “adaptar-se às características do contexto e do referente (capacidades de ação), mobilizar modelos discursivos (capacidades discursivas) e dominar as operações psicolinguísticas e as unidades lingüísticas (capacidades lingüístico-discursivas)” (Schneuwly & Dolz, 1999, p. 6).

No que concerne ao trabalho crítico e a interdisciplinaridade é preciso ressaltar o caráter social e interlocutivo. Conforme Braga (2006, p. 62), esse trabalho crítico, quanto mais bem desenvolvido for, sobretudo em ambientes de formação, como na escola, mais capacidade os sujeitos terão para um movimento de autoformação e autonomia no aprender a aprender, em suas práticas sociais, de uma forma mais abrangente.

Um dos aspectos relevantes do trabalho crítico desenvolvido na academia é, para Braga (2006, p. 49), “elaborar as ‘boas perguntas’ que estejam sendo sugeridas e solicitadas na vivência social, que talvez o senso comum não consiga distanciamento para formular com precisão e pertinência”. Isso envolve o tensionamento, o enfretamento entre diferenças, negociações de sentido, aprendizagem colaborativa, disponibilidade para reconhecer a provisoriade de convicções, livre debate. Nesse sentido, Schneuwly e Dolz defendem que o debate é, na escola,

Um formidável instrumento de aprofundamento dos conhecimentos, de exploração de campos de opiniões controversas, de desenvolvimento de novas idéias e de novos argumentos, de construção de novas significações, de apreensão dos outros e de transformação de atitudes, de valores e de normas. (Schneuwly & Dolz, 1999, p. 13)

Desse modo, “quando se fala de ‘crítica midiática’ de um modo geral, está se tratando de dois tipos de produção, de comentários sobre a mídia: a crítica acadêmica e a crítica jornalística.” (Braga, 2006, p. 47) Para o autor, a crítica especializada não prevalece sobre outros tipos de comentário social.

O sistema de resposta social sobre a mídia é uma ação de enfretamento

De tudo o que, na mídia, possa ser imposto como padronização, pensamento único, dominação, diluição de valores humanos e sociais relevantes, como apagamento de liberdades individuais e grupais, desestímulo a criatividade e a experimentação e conservação de um status quo injusto. (...) cabe constatar também nos dispositivos de resposta

social a valoração de processos produtivos que possam trazer contribuição estética, informacional ou formadora. (Braga, 2006, p. 325)

Esses modos de um posicionamento próprio a partir do desenvolvimento de argumentos e de modalização de enunciados, a possibilidade de cada um (através do funcionamento do debate) de intervir livremente quando quiser, a capacidade de centralizar-se nos objetos em jogo e de engendrar novos temas que daí decorram, o respeito à palavra dos outros e a integração destas ao próprio discurso (Schneuwly & Dolz, 1999).

Ainda, para os autores citados, o trabalho crítico deve ser entendido como uma atividade agnóstica, que diz respeito à atitude responsiva dos sujeitos em formação, que atribuem ao debate sentido social. É, portanto, um trabalho dinâmico de “ação crítica”, de tensionamento, de embate, de inserção em contextos diversos, por meio do qual se que fazem gerar e circular processos interpretativos.

Assenta-se o pressuposto segundo o qual o agenciamento desse trabalho é, inevitavelmente, o agenciamento dos sujeitos envolvidos nele, e de sua representatividade, no âmbito social, decorre a significação dada a essas práticas no âmbito escolar. Em outras palavras, esse trabalho crítico, afigura-se como um espaço significativo de interlocução, e “é nesse território de atos dialógicos, fundadores das ações interativas, agenciadoras de relações com outros discursos, que os sujeitos se constituem como tais” (Silva, 1999, pp. 94-95).

O pesquisador e formador é, dessa maneira, esse agente social que mobiliza os saberes e experiências de um grupo, e é aquele que agencia o trabalho crítico, em forma de debate, na sala de aula, e que se propõe, dessa feita, um condutor de ações dialógicas entre diferentes vozes: pontos de vista, outros agentes sociais, diferentes domínios do conhecimento e de atividades sociais.

Como bem acentuam Braga e Calazans (2001), lida-se, nesse contexto, com uma cultura de aprendizagem em processo constante de transformação. O desafio maior dessa interface entre diferentes disciplinas, no entanto, parece ser o de se privilegiar a reflexão e ação, na perspectiva daquilo que compreende-se por trabalho crítico (Braga, 2008), que, tem a fundamentação no professor, como agente de letramento (Kleiman, 2006), e na legitimação dos novos e diversos saberes, práticas de linguagem (Schneuwly & Dolz, 1999), que se manifestam nas práticas sociais.

Nessa perspectiva, se pensarmos o trabalho crítico como o ambiente que engendra possibilidades interdisciplinares de tensão e argumentação,

pode-se considerar a investigação científica sobre a processualidade midiática como todo “procedimento de ‘construção’ do objeto criticado e de ação crítica-interpretativa” (Braga, 2006, p. 341).

PESQUISA ACADÊMICA, PRODUÇÃO DE SABERES E AÇÃO CRÍTICA PARA A MÍDIA

Uma pesquisa sobre os processos midiáticos deve resultar da articulação dos estudos da recepção e dos estudos da produção midiática, para se organizarem em “um ‘sistema de investigações comunicantes’ com troca e tensionamento sobre estímulos, descobertas e desafios mútuos, recompondo o objetivo em sua complexidade” (Braga, 2006, p. 341).

Note-se a diversidade de saberes que circulam no espaço de interação social e que novas habilidades para o uso desses saberes são, dessa forma, demandadas pela sociedade às instâncias socializadoras como a instituição escolar. Novas linguagens, novas formas de interação, novos ambientes, novas formas de aprender e de produzir conhecimento se impõem como saberes a serem legitimados e inseridos nas práticas escolares.

Para o autor, articular conhecimento e práxis sobre os processos sociais diz respeito a objetivação de “critérios voltados para avaliação, para o desenvolvimento, e para os objetivos educacionais de comentário e ação sobre a mídia”. O autor ressalta que a “agonística social” diz respeito ao sistema de resposta e a seus processos de circulação. “Trata-se de por em presença diferentes procedimentos e visadas críticas, ultrapassando o nível de circulações fechadas e confortadoras” (Braga, 2006, pp. 338-339). Assim,

O trabalho crítico se desenvolve no espaço das ‘leituras sociais’ feitas sobre produtos e processos midiáticos. Não busca, portanto, conhecimento objetivo descentrado a respeito dos objetos que examina. Trata-se antes (...) de um enfiamento a partir de pontos de vista segundo os quais a razões legítimas para interpretar e para tencionar a produção midiática. (Braga, 2006, pp. 336-337)

O conceito de leitura com o qual se lida e que a vale a mediação “segundo o qual, o espectador traz para interação com a mídia suas vivências e suas bases culturais socialmente elaboradas” (Braga, 2006, p. 36). A proposta do trabalho crítico é fazer circular ações de tensionamento sobre o que as mídias veiculam ou não veiculam e como isso se dá.

Agonística social, nesta perspectiva, é um importante ambiente crítico-interpretativo entre sociedade e mídia porque “evolui o enfiamento de

diferenças, ausência de soluções impostas, negociações de sentido, livre debate, aprendizagem mútua e disponibilidade para reconhecer a provisori-riedade de convicções” (Braga, 2006, p. 337).

O trabalho crítico só acontece se: “tenciona processos e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudanças”, e/ou “exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada” (Braga, 2006, p. 45-46).

Segundo o autor, a ação crítica, que permeia o ambiente de proces-sualidade midiática em que se desenvolve um trabalho crítico, nesse senti-do amplo, parece realizar pelo menos três processos principais:

- a) Exercem critérios, expresso ou implícitos, segundo os quais os produtos são observados;
- b) Analisam características e especificidades dos produtos e processos midiáticos postos em circulação;
- c) Lançam vetores interpretativos e/ ou de ação em direção aos outros dois subsistemas (de produção e de recepção). (Braga, 2006, p. 46-47)

O que o trabalho acadêmico pode contribuir é “‘elaborar as boas per-guntas’ que estejam sendo sugeridas e solicitadas na vivência social, que talvez o senso comum não consiga distanciamento para formular com pre-cisão e pertinência” (Braga, 2006, p. 49).

● GRUPO DE PESQUISA EM EDUCOMUNICAÇÃO: EDUCOMUNI

Assim sendo, o grupo de pesquisa Educomuni (2014) foi criado com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre a inter-relação Comunicação/ Educação, no âmbito de Organizações “aprendentes”, ou seja, visando promover estudos envolvendo instituições, corporações, organizações e sujeitos de um modo geral, que tenham a formação e a transformação pelo conhecimento como constitutivas de determinadas atividades e interações sociais, e sua relação com a Comunicação no processo de aprendizagem.

Como linhas de pesquisa o grupo trabalha com “A sala de aula intera-tiva e interdisciplinaridade: mídias e processos de aprendizagem” e “Mídia, processos educativos e organizações aprendentes”. A primeira tem como ementa: processos educativos interdisciplinares de formação profissional em/ na interface Comunicação/ Educação. A prática docente como media-ção para o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento. Interfaces entre processos de aprendizagem, mídias e comunicação. Sala de aula interativa

e a perspectiva dos espaços de aprendizagem. Já a segunda observa: espaços de aprendizagem e organizações aprendentes, diálogos organizacionais e processos de formação, interfaces mídia/ educação/ organizações, narrativas transmídia e educação. As pesquisas estão separadas pelas seguintes perspectivas:

EDUCAÇÃO, MÍDIAS E TRABALHO CRÍTICO

A proposta desta pesquisa é compreender, sob a perspectiva da interface Comunicação e Educação, como se dá esse diálogo por meio do trabalho crítico para a construção de um novo campo do conhecimento. Busca-se entender a mediação midiática da realidade como prática interacional cotidiana e o papel do trabalho crítico nesse contexto e conhecer as principais práticas de interfaceamento entre comunicação e educação (Dolabella, 2007a, 2007b, 2007c, 2010) pelo trabalho crítico em um estudo de caso, que compreendesse a ação docente em ambiente de educação formal. A escolha do objeto de investigação se deu pelo fato de que o interesse da pesquisa era conhecer as possibilidades da educomunicação no espaço diferenciado de uma sala de aula em que a pesquisa científica também estivesse presente nas práticas pedagógicas do professor participante do estudo em questão.

FERRAMENTAS DE PARTICIPAÇÃO POPULAR NA ERA DA CIDADE DIGITAL

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) vêm provocando alterações na cidade, transformando o conceito físico em algo mais abrangente. Essa abrangência se dá por meio de tecnologias ubíquas, que perpassam os diversos *stakeholders* e permitem a divulgação de informações e a possibilidade de atuação deles. Assim, a cidade digital toma corpo e se apresenta como a evolução natural da cidade, na qual impõe-se o trânsito de dados. Uma nova “arena” (Thompson, 1998) que se forma permite a participação popular em um ambiente mais livre, e, assim, mais próximo do conceito de razão comunicativa. Surgiram, desta forma, novas ferramentas que permitem a participação do cidadão na administração pública.

O trabalho busca analisar diferentes mecanismos de participação que utilizem subsídios da cidade digital – especialmente as TIC – para possibilitar à população o acesso ao processo de tomada de decisão político-administrativa. Desse modo, busca-se uma melhor compreensão do

processo de participação no contexto da cidade digital. Isto permitirá propor melhorias e apresentar hipóteses nas quais a utilização das ferramentas de participação poderia ser replicada. Por fim, visa o aprofundamento do estudo teórico e empírico sobre a participação popular no Brasil, em tempos de cidades digitais.

MAPEAMENTO CRÍTICO DE TRANSMÍDIA E EDUCAÇÃO (VISÃO DE MUNDO)

Nesta proposta, busca-se ampliar a análise e o mapeamento críticos de experiências transmídia no campo da educação. Além de continuar o levantamento das iniciativas no Brasil e no mundo, e dar sequência à delimitação do (complexo) conceito de Narrativa Transmídia (NT), pretende-se sua aplicação no universo dos produtos e processos educacionais. Como fruto da primeira fase da pesquisa exploratória, percebeu-se ampla variedade de ações e usos da definição de transmídia em projetos que, nem sempre, revelam efetiva inovação. Em função disso, a ampliação do mapeamento de experiências representará a possibilidade de problematizar a própria definição de transmídia – de modo, inclusive, a eliminar “arestas” conceituais.

PRÁTICA DOCENTE INTERDISCIPLINAR, MEDIAÇÃO E APRENDIZAGEM MIDIATIZADA

O trabalho focaliza a mediação interdisciplinar do docente dos cursos de Licenciatura do UniBH (História, Letras, Matemática e Pedagogia), na articulação dos seus projetos de ensino com os projetos de autoaprendizagem dos alunos. Os procedimentos metodológicos eleitos para a investigação são definidos como qualitativos. Busca-se a compreensão dos significados de situações apresentadas pelo cotidiano da sala de aula, desencadeadas com as possibilidades do uso de tecnologias como a Internet, quando a midiatisação na mediação docente é realidade.

A possibilidade de ampliar as pesquisas na prática pedagógica midiatisada resulta na continuidade do plano iniciado, em 2013, nesta temática. O trabalho desenvolve-se na primeira fase com o foco na percepção dos alunos dos cursos de Licenciatura sobre a midiatisação interdisciplinar dos seus professores. Na segunda fase (2014-2015), busca-se captar a percepção dos professores desses mesmos cursos sobre a prática pedagógica midiatisada no ensino superior e as implicações do encontro e desencontro

do docente com seu aluno, na constituição da trajetória para a autogestão na aprendizagem.

MÍDIA, PROCESSOS EDUCATIVOS E ORGANIZAÇÕES APRENDENTES

O projeto de pesquisa Caminhos possíveis para uma Educomunicação Organizacional foi desenvolvido ao longo de 2013, com o objetivo geral de verificar se, e de que forma, as bases conceituais da Educomunicação poderiam ser aplicadas na gestão dos processos internos de instituições do primeiro e do segundo setor.

Verificou-se que um caminho possível para a Educomunicação nas empresas seria o desenvolvimento de um modelo interdisciplinar/transmidiático com a noção de Organizações Aprendentes, a partir de densas revisões de literatura. Do outro lado, quanto mais a articulação teórica avançava, mais a dinâmica organizacional das *start-ups* parecia se encaixar no resultado das interseções; isso, na medida em que estudos sobre o segmento, realizados pelos pesquisadores e bolsistas, iam avançando, tal qual a realização de entrevistas (pesquisas qualitativas) com diretores de instituições do cenário mineiro.

O intuito, para 2014/2015, é que o projeto tenha continuidade e possa aprofundar ainda mais nas discussões teóricas, assim como buscar um maior número de organizações visando estender os horizontes da pesquisa e fazer com que os dados sejam ainda mais confiáveis uma perspectiva das futuras investidas para as pesquisas do grupo no que tange à Educomunicação Organizacional.

Nesse sentido, percebemos que a realização do trabalho crítico inerente à pesquisa científica e acadêmica sobre a mídia, seu discurso, seus produtos, sua circulação e consumo, três questões principais, relacionadas entre si, podem ser colocadas com relação ao desenvolvimento de competências usuárias para interagir com a mídia, e que são foco da ação educativa do Educomuni: “como as pessoas selecionam (em dado meio) os produtos de que serão usuários; a questão das competências interpretativas; e o que é necessário para que os usuários desenvolvam autonomia interpretativa” (Braga, 2006, p. 62).

A constituição interdisciplinar dos membros do grupo de pesquisa do Educomuni e a possibilidade de enriquecimento de diálogo e embate a partir de diferentes pontos de vista e de domínios do conhecimento, no estudo da mídia e sua processualidade, permite, a nosso ver, a criação de

dispositivos críticos de estudo e de ação social em diferentes ambientes de formação: escola, organização, redes sociais.

Quando se considera a própria denominação de “grupo de pesquisa interdisciplinar”, percebe-se que a busca pela troca de saberes para a construção de um terceiro domínio em comum sob a luz do trabalho crítico, pode ser um caminho para a efetiva realização desses dispositivos e sua inserção no diálogo social. Seja de recepção, de produção e de circulação de bens simbólicos na ambiência da mediação social e da ação crítica sobre e por meio dela.

Mas, para que isso se mantenha, esses dispositivos críticos deveriam ter “fortes relações de fluxo com processos produtivos, gerando a possibilidade de efetivas incidências sobre a qualidade de produção e o aperfeiçoamento dos processos sociais midiáticos. Isso significaria não só a capacidade de expressar múltiplos pontos de vista sobre as qualidades estéticas e sociais dos produtos em circulação, mas, através da legitimidade social obtida, ter a possibilidade de colocar padrões qualitativos e baremas de valor para a própria produção, seus gêneros e formatos” (Braga, 2006, p. 66).

Acredita-se que o grupo de pesquisas interdisciplinares em Educomunicação favoreça, nesse sentido, a construção de um campo efetivo de ‘debate sobre o debate’, ou seja, a possibilidade do diálogo profícuo no âmbito do próprio diálogo interdisciplinar e do engendramento de novas redes de interação de estudo da processualidade midiática de uma sociedade, que se constitui, na atualidade, o processo de referência interacional por excelência, seja no campo educacional formal, seja nos campos de educação informal em suas diferentes manifestações na esfera social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Braga, J. L. (2006). *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo: Paulus.
- Braga, J. L. (2008). Processo de aprendizagem de interação midiaticizada. In A. Fausto Neto & P. G. Gomes (Orgs.), *Midiatização e processos sociais na América Latina* (pp. 147-162). São Paulo: Editora Paulus, 2008.
- Braga, J. L. & Calazans, M. R. Z. (2011) *Comunicação e educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker.

- Dolabella, A. R. V. (2007a). *Jornal, Leitura e Escola – ações interdisciplinares para uma educação para a mídia no Brasil*. In *Anais do XVI COLE – Congresso de Leitura do Brasil*. Acedido em http://www.alb.com.br/anais16/sem05pdf/smo5ss11_02.pdf
- Dolabella, A. R. V. (2007b, outubro). *Jornal, Leitura e Escola – uma experiência de extensão em Educação para a mídia*. I Colóquio Mídia & Agenda Social. ANDI – InFormação: Programa de cooperação para a qualificação de estudantes de Jornalismo, Rio de Janeiro. Acedido em http://servo1.informacao.andi.org.br/-79c2f01_115d80a527a_-7ff2.pdf
- Dolabella, A. R. V. (2007c). *Leitura de imagens no jornal – humor gráfico, mídia e educação*. *Revista de Estudos da Comunicação*, 8(17), 265-275.
- Dolabella, A. R. V. (2010). *Mídias, Letramento e Formação de saberes sobre o discurso jornalístico na escola*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- EDUCOMUNI. (2014). *Relatório de pesquisa*. Belo Horizonte: Centro Universitário de Belo Horizonte UniBH.
- Gomes, W. (2003). *Jornalismo e Esfera Civil: o interesse público como princípio moral no jornalismo*. In C. M. K. Peruzzo & F. F. de Almeida (Orgs.) *Comunicação para a cidadania* (pp. 28-51). São Paulo: Intercom; Salvador: UNEB.
- Freire, P. (1998). *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Kleiman, A. B. (2006). *Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento*, In M. L. G. Corrêa & F. Boch (Orgs.), *Ensino de língua: representação e letramento* (pp. 75-91). Campinas: Mercado de Letras.
- Thompson, J. B. (1998). *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia* (3.^a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Schneuwly, B. & Dolz, J. (1999). *Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. *Revista Brasileira de Educação*, 11, 5-16.
- Silva, J. Q. G. (1999). *Gênero discursivo e tipo textual*. *Revista Scripta*, 2(4), 87-106.
- Wells, G. L. C. & Wells, G. (1992). *Constructing Knowledge together – Classrooms as Centers of the Inquiry and Literacy*. Portsmouth, NH: Heinemann.